Ano XVIII — Lisboa, Novembro de 1962 — N.º 211

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

«ESCOTISMO É A HEROICULTURA»

Parecerá ousada a afirmação que serve de título a estas linhas. No entanto, foi feita por voz autorizada e prestigiosa. Pertence ao grande brasileiro Olavo Bilac. Já a tínhamos registado nestas colunas, mas novamente nos foi recordada por M. Paulo Filho, em «Carta do Brasil» publicada no «Diário de Notícias». O poeta, discursando na Academia Mineira de Letras em 26 de Agosto de 1916, fez o elogio do Escotismo e apresentou este *como uma das células primárias do organismo da educação cívica e da defesa nacional.* E acrescentou: *O escotismo forma homens e, ainda mais, forma heróis. É a heroicultura.*

Se é para nós desvanecedor ouvir conceito tão distinto expresso por figura de tanto mérito, também reconheceremos a nossa responsabilidade em honrar e justificar tal reputação, pois na verdade o Escotismo formará heróis se estiver à altura dos seus objectivos.

O sistema educativo escoteiro visa, de facto, o desenvolvimento dos atributos de carácter que ornam a personalidade brilhante do herói. Não é este o indivíduo que se evidencia pela grandeza de alma, generosidade de sentimentos e valentia? Pois o Escoteiro realmente possui esses primores do espírito, é o jovem sempre pronto, aprumado, capaz de abnegadamente se oferecer por causa superior. O Escoteiro, tal como o herói, destaca-se do comum das gentes pela forma corajosa como realiza o difícil.

É natural o desejo de diferenciação na gente nova, que busca afirmar a personalidade e distinguir-se dos mais velhos. Este anseio é muitas vezes factor de progresso, pelo que cumpre aproveitá-lo. O herói e o campeão são ídolos da mocidade porque se realçam das pessoas vulgares. Lamentàvelmente nem sempre os novos buscam esta diversidade no cultivo das mais altas qualidades. Ainda há pouco um jovem confessava negligenciar deliberadamente o corte do cabelo e da barba, exibindo desleixo confrangedor, porque queria ser diferente das outras pessoas. Salientava-se pelo mais baixo, pela ausência de virtudes; era a negação do heroísmo.

O Escotismo não contraria os instintos e anseios dos novos. Educa orientando para objectivos elevados o que há de natural e humano no rapaz, despertando nele a satisfação por realizar o difícil. A actividade escoteira é dura, dentro das possibilidades físicas, e errados andam aqueles que promovem um escotismo frouxo, admitem o mau e premeiam a insuficiência. No exercício constante do esforço, o Escotismo treina e revigora a vontade, as energias, os sentidos. É pela sublimação do digno e do nobre que o nosso Movimento forma heróis. Por isso a Lei não se limita a prometer que o Escoteiro *deve ser,* mas afirma resolutamente que É verdadeiro, leal, generoso, valente, puro. Muitos, para desculpar a sua tibieza moral, argumentam que a Lei é custosa. Mas o mérito está exactamente no difícil. O Escotismo não tolera nem suporta o fácil, o cómodo, o medíocre. É escola de heroísmo.

Ouvimos, por vezes, declarar que o Movimento está ultrapassado. Mas poderá ser ultrapassado um sistema educativo que forma heróis? Michel Castagnet, actual comissário dos Escoteiros Unionistas de França,

———→

NOVOS REDACTORES

Na última reunião do Corpo Directivo do «Sempre «Pronto» foi resolvido convidar dois jovens para redactores do nosso jornal, a fim de colaborarem num trabalho de remodelação que vamos empreender. Os convidados, que aceitaram, são os nossos dedicados amigos Srs. Armando Garcia Inácio, escoteiro-chefe do grupo 94; e o caminheiro Hélder Martins, que iniciaram já os seus trabalhos com o maior entusiasmo.

Apresentamos-lhe as boas vindas e contamos com a sua valiosa cooperação.

———— • • o • • ————

Um breve esclarecimento

«O «Notícias de Beja» publicou em 22 de Setembro passado um pequeno artigo sob o título «Escotismo para seis milhões de jovens», onde são feitas afirmações interessantes acerca do nosso Movimento. Contém esse artigo, todavia, um informe que deve ser corrigido para que o público não fique com uma visão errada do Escotismo. Diz-se aí:

«Há em todo o mundo seis milhões de escoteiros que são outros tantos militantes das primeiras filas da Igreja».

A verdade, porém, é que o Escotismo conta hoje cerca de oito milhões de rapazes; e o Guidismo cerca de seis milhões de meninas, mas esta juventude não pertence toda à mesma crença religiosa, mas filia-se em diversas religiões, incluindo nestas as não cristãs.

Estamos certos de que o «Notícias de Beja» não deixará de fazer este esclarecimento, especialmente para que se saiba que o Escotismo é um movimento de amplos horizontes, congregando jovens de diversas opiniões, tendo apenas como princípio comum o amor e o serviço de Deus.

A propósito de um Centenário

Rev. Henri Alexandre Junod, um sábio que amava a Natureza

O Escoteiro que visite o Museu de Lourenço Marques encontrará ali uma importante colecção de borboletas e de coleópteros, que certamente despertará o seu entusiasmo pelos trabalhos de entomologia. Essa colecção foi doada àquele museu pelo missionário suíço Henri Alexandre Junod, que serviu em Moçambique de 1885 a 1920 e, até à data do seu falecimento em 1934, foi sempre um devotado amigo de Portugal.

É oportuno lembrar o nome do Rev. Junod porque passa no próximo ano o centenário do seu nascimento, ocorrido em 17 de Maio de 1863, no Cantão de Neuchatel, na Suíça. Seu pai era pastor em Chézard Saint Martin, naquele mesmo cantão onde ele passou a sua infância e adolescência. Desde muito novo evidenciou um espírito a que bem poderemos chamar escoteiro. Amava devotadamente a natureza, possuindo um extraordinário espírito de observação e qualidades de investigador. Por outro lado, sentia um desejo intenso de servir, de auxiliar o seu semelhante e toda a sua vida seria inteiramente norteada por estes sentimentos.

Os mestres cedo reconheceram os seus dons e quiseram, por isso, encaminhá-lo para a carreira científica. Porém a vida missionária atraía-o, pelo que resolveu abandonar os estudos científicos e estudou teologia em Neuchatel, Basileia e Berlim. Ordenado pastor, assumiu a direcção de uma paróquia, mas a sua vocação missionária não permitiu que aí se conservasse muito tempo. Seguiu para a Escócia onde aprendeu inglês e algumas noções de medicina e cirurgia, partindo em 1885 para Lourenço Marques, onde se foi juntar a seu cunhado, o Rev. Paul Berthoud, primeiro missionário suíço naquela cidade.

Moçambique proporcionou à curiosidade científica de Junod vasto campo de observação e de investigação. Com perseverança notável, fez importantes estudos sobre botânica, entomologia, zoologia, meteorologia climática e antropologia, tendo dado o seu nome a algumas espécies por ele mesmo descobertas.

Dedicou-se igualmente ao estudo dos dialectos bantos do distrito de Lourenço Marques e de tal forma se afirmou o seu prestígio como linguista que, em 1894, com a ajuda do Governo Português, publicou uma «Gramática Ronga». Para corresponder às determinações legais acerca do ensino da língua portuguesa, Junod preparou também diversos manuais bilingues Ronga-Português.

Como etnógrafo nato, encontrou nos povos de Moçambique farto material de estudo, publicando em 1898 um grosso volume intitulado: «Les Baronga, étude éthnographique sur les Indigènes de la Baie de Delagoa», obra que foi traduzida para português por intermédio do nosso Governo. Publicou também «The Life of a South Africane Tribe», obra notável que lhe deu renome universal. O Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, de Maio-Junho de 1934, comentando um artigo biográfico do filho do grande missionário, Henri Philipe Junod, afirmava então a este respeito:

«Bastaria o livro *A Vida de uma Tribo Sul-Africana* para consagrar Junod como etnógrafo, mas os seus trabalhos filológicos tornaram-no autoridade incontestada e difícilmente substituível no conhecimento das línguas banto».

Outro aspecto notável da obra do Rev. Junod foi a preparação de evangelistas, tendo fundado na Missão em Rikatla uma escola para este efeito. A ele se ficou devendo a preparação dos primeiros pastores indígenas da Igreja da Missão Suíça.

Regressado à Suíça, em 1920, estabeleceu-se em Genebra e assumiu a Presidência da Repartição Internacional para a defesa dos Indígenas (raças de cor), tendo a sua relevante acção merecido a homenagem do Representante de Portugal. Faleceu em 22 de Abril de 1934.

No artigo a que atrás nos referimos, de onde principalmente respigamos estes apontamentos, seu filho diz: «Esforçou-se toda a sua vida por servir e até ao fim permaneceu fiel à linha de procedimento que traçou: aprendendo sempre, compreendendo sempre, para poder unir sempre aqueles que os preconceitos separam. (...) Conservou-se assim inteiramente na linha d'Aquele que quis amar e fazer conhecido».

A Redacção do mesmo Boletim acrescenta: «Como diz seu filho, o amor de Junod aos povos atrasados e o seu conhecimento directo dos processos de colonização portuguesa, fizeram de Junod um amigo de Portugal que nos fazia justiça tantas vezes negada por aqueles que ou não conhecem as colónias portuguesas ou se limitam a percorrê-las apressadamente, à procura de *material de guerra* para nos atacarem.»

É este o perfil do apóstolo e sábio que prestou relevantes serviços a Portugal e aqui conquistou inúmeros amigos e admiradores.

Os Escoteiros devem fixar o nome e a figura de Junod, imitando o seu devotado amor a Deus e ao Próximo, o seu notável interesse pelo estudo e observação das coisas da Natureza, e ainda o seu sentido de Justiça revelado pelo apreço por Portugal e pela obra por nós realizada em África. Numa palavra: Junod *fazia* Escotismo.—E. R.

«ESCOTISMO É A HEROICULTURA»

←

responde a esta pergunta e esclarece: *Sossegai, bons amigos, mas sede também vigilantes! Não é o Escotismo que está ultrapassado. É o mau escotismo, aquele que já não justifica a sua eleição inicial, nem a promessa, nem a vida na natureza, nem o sistema de patrulhas, nem a exploração no campo, nem os riscos que se correm, nem as mensagens que se transmitem — porque o seu conteúdo é infiel e medíocre, os seus resultados desoladores. Este escotismo sim, está ultrapassado; é ridículo, inútil.*

Olavo Bilac tinha inteira razão. O Escotismo autêntico forma homens e, ainda mais, heróis. É a heroicultura. Se não for isto, então não é escotismo; é qualquer coisa ridícula, inútil, talvez mesmo prejudicial. Não nos conformemos pois com um Escotismo de baixo nível, mas esforcemo-nos constantemente para que o nosso Movimento possa ser aferido pelo mais alto padrão e seja digno do elogio do grande poeta brasileiro.

O «Sempre Pronto» na Beira

Delegado na Beira

Apresentámos no número passado, como nosso Delegado na Beira, o Sr. Alfredo da Cruz Rodrigues, de quem traçámos uma rápida biografia. Mas houve um lapso, de certa maneira útil, visto que nos serviu de introdução para quem, de facto, é o nosso Delegado: Trata-se do seu filho, Sr. Alfredo Caetano Bandeira Rodrigues. Já sabemos, portanto, que pertence a uma família escoteira, que honra com as suas qualidades pessoais ainda servidas pelo entusiasmo da juventude. É jornalista, desenhador e está animado do desejo de cooperar activamente no «Sempre Pronto».

Seja benvindo e conte desde já com a nossa simpatia, amizade e reconhecimento

• • o • •

Repartição Mundial de Escotismo

Comissário para Publicações e Relações Públicas

Em substituição do Comissário George Beers, que desempenhou o cargo interinamente, foi nomeado Comissário para Publicações e Relações Públicas o sr. Charles Levy, a quem «Sempre Pronto» saúda com votos de bons êxitos no desempenho da sua tarefa.



Um filatelista em apuros

Terminada a reunião do grupo de escoteiros, alguns rapazes ficaram, ainda, na sede, a fim de actualizarem a colecção de selos. Como o guia de uma das patrulhas tivesse, finalmente, adquirido o selo que faltava para completar uma série, a conversa recaiu sobre esse selo.

No álbum da Metrópole, já existiam dois selos que apenas diferiam na cor. Um, era da taxa de 6 centavos, e de cor castanho-clara; o outro verde, da taxa de 32. O que o guia adquirira era de 96 centavos, de cor rosa. A figura representada nos três selos era a de uma mulher, de lenço, corpete preto sobre camisa branca, escarcela à cinta, avental, saia preta, descalça, empunhando um caldeirão. Perto, distinguiam-se vultos de homens de armas. A mulher era uma tal Joana de Gouveia.

— Ora vamos lá saber quem seria essa Joana de Gouveia?

O guia estava, agora, em apuros, diante da pergunta do chefe do grupo.

— Sim, porque nisso é que consiste um dos fins da filatelia — instruir, entretendo. E, realmente, colocar no álbum um selo com uma figura portuguesa — reparem bem, portuguesa — que se desconhece e não procurar saber de quem se trata, não me parece de filatelista...

— Sim, chefe. Mas é que eu procurei no meu livro de História, sem encontrar nada que falasse dela. E eu estranho isso, porque deve tratar-se de personagem notável. Se não fosse assim, não figuraria num selo.

— Falaste bem. Mas fica sabendo que um escoteiro não deve desistir só porque procurou num livro determinado assunto. Eu também fiz como tu. Procurei no meu livro de História, aliás uma obra de vulto, e nada encontrei. Percorri outros volumes, com idêntico resultado. Mas não desanimei, como tu. Fui à Biblioteca Nacional e pedi a um dos bibliotecários que ali prestam serviço o favor de me indicar se haveria alguma obra que se ocupasse da vida de mulheres célebres. E, nesse dia, encontrei a vida de Joana de Gouveia...

— Então, quem era? — perguntou o guia, interessado.

— Uma portuguesa das melhores, do século XIV. Essa mulher nasceu em Gouveia, era filha de um homem chamado Amador Freire, e tinha um irmão António Fernandes, que esteve em Aljubarrota. E Joana também tomou parte nesta batalha...

— Como a D. Brites de Almeida?

— Não. A Padeira de Aljubarrota abateu os sete castelhanos, em sua casa. Joana de Gouveia foi-lhe a meu ver, ainda superior. Bateu-se na própria batalha. Como eu ia dizendo, Joana foi criada desde a idade dos dez anos em casa de um tal Manuel de Castro de Sousa pessoa importante de Gouveia. Pois, Joana foi daquela vila a Aljubarrota e fez guerra cruel aos castelhanos. Umas vezes, atirava-lhes pedras, outras arremessava-lhes água fervente.

— Por isso, ela está figurada no selo, empunhando um caldeiro.

— Justamente. Os inimigos bem a perseguiam com tiros de mosquete, mas Joana, à frente de outras mulheres decididas, não arredou pé e concorreu, em grande parte, para a vitória dos nossos. Desconhece-se, depois de Aljubarrota, a vida de Joana de Gouveia. Sabe-se apenas que faleceu com a idade avançada de oitenta anos. Mas, no mesmo livro, encontrei as proezas de outras mulheres de Portugal, não menos valentes e corajosas que a Joana de Gouveia.

— Conte, senhor chefe...

— Temos Bárbara Fernandes. No cerco de Dio, em que se cobriu de glória António da Silveira, ajudou-o na vitória contra os turcos. Simultâneamente piedosa e guerreira, acudia às muralhas, levando aos soldados as armas e munições, sem horror à morte nem receio às balas. Antecessora das enfermeiras de guerra, Bárbara Fernandes — lindo nome para uma companhia de guias, — retirava os feridos, dando-lhes remédios e carinhos maternais. Tão depressa recolhia um morto como acudia aos vivos. Com outras mulheres, transportava a pedra e a cal para refazer os baluartes destruídos pela artilharia dos turcos. Certa vez, achou, numa das muralhas, seu filho Cristóvão, de dezoito anos, ferido, mortalmente, de um pelouro. Tomando nos braços o seu corpo despedaçado, cheia de dor, susteve-lhe as entranhas com as mãos até o infeliz mancebo exalar o último suspiro. No dia seguinte, caiu morto o filho mais velho. Todos choraram essas mortes. Todos, não. Ela, embora abatida pela dor, conseguia ter os olhos enxutos...

— Que bela figura de mulher! — exclamou um dos rapazes.

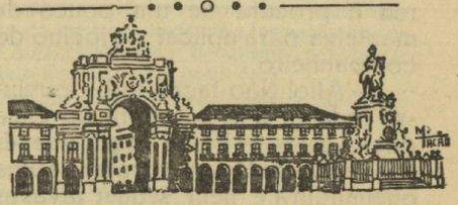
— Podes afirmá-lo bem alto. E agora para terminar, pois são horas de pôr fim à nossa reunião, vou contar-lhes que, na revolução de 1 de Dezembro de 1640, se portaram extraordinàriamente bem duas mulheres, pelo menos. Uma Bernarda Soares, era viúva de um marinheiro, chamado Pedro João, e morava em Alfama. À frente de outras mulheres, correu armada ao Terreiro do Paço a combater os castelhanos. Outra, uma tal Custódia Sanches, chegou a desarmar um castelhano, a quem ela tinha provocado com os seus vivas a el-rei D. João IV. E se não lhe acudisse o povo, ela matava-o...

Fez-se silêncio. Então, o guia perguntou:

— Mas, como se chama o livro donde o chefe extraiu todos os elementos que nos contou...

— Ora toma lá nota no teu caderninho de apontamentos. É a obra: Theatro / Heroino / abcedário histórico, e catálogo / das / Mulheres / illustres em armas, / Letras, Acçoens heroicas, e Artes liberaes. / offerecido/ à Serenissima Senhora / D. Marianna / de Austria / Rainha de Portugal / por Damião de Froes Perym. / Lisboa Occidental. / Na officina da Musica de Theotonio Antunes Lima, Im / pressor da Sagrada Religião de Malta, debaixo da Protecção dos Patri / arcas S. Domigos, e S. Francisco / M. DCC. XXXVI. / Com todas as licenças necessarias. E previlegio real.

MANUEL FERREIRA



ESCOTISMO NA CAPITAL

Grupo n.º 94

Na sede do Grupo n. 94, da Ajuda, realizou-se em 9 de Outubro passado a reunião geral do Grupo para abertura do novo ano escoteiro. Para ela foram convocados todos os escoteiros e exploradores, presidindo o chefe do 94, sr. Armando Garcia Inácio.

Esteve também presente a Direcção do Grupo, representada pelos Srs. Capitolino F. Macedo, Manuel Tacão Monteiro e Júlio Maria Reis, que dirigiram palavras de estímulo aos rapazes.

Esta reunião constituiu uma agradável oportunidade de franca confraternização. — *Lobo Negro.*



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Meu caro Escoteiro:

O Inverno está à porta e, portanto, é oportuno procurar novas actividades de sede, já que as noites não convidam aos exercícios exteriores. Venho, por isso, sugerir-te uma iniciativa que poderás apresentar na próxima reunião de patrulha: A «Galo», sòzinha ou de colaboração com outra patrulha, poderia organizar uma festa com uma representação teatral. É uma actividade de cunho perfeitamente escotista, recomendada por B. P., que pode até proporcionar fundos para outras iniciativas. Ainda há dias o Grupo 2 promoveu uma festa desta natureza, com bons resultados, segundo parece.

Há sempre possibilidade de conseguir a ajuda de um amigo que ensaie e oriente a encenação. Os rapazes aprendem a falar, a apresentar-se em público e a disciplinar os gestos. No fim, fazem a festa, conseguem dinheiro para a patrulha e passam umas horas agradáveis. Tentem isto e mãos à obra! Se precisarem de algum esclarecimento escreve-me aqui para a Redacção.

Um abraço do teu

Amigo «Sempre Pronto»

LOBO VELHO

É assim que o Chico Patatenra aprende!

— Ui!... que me queimei — gritou o Alberto da Patrulha Águia.

— Como arranjaste isso? — inquiriu aflito o Chico Patatenra.

— Foi a frigideira que tombou e o óleo caiu-me no joelho. Ui!... Ui!... que me dói muito.

—Descansa, que vou já tratar-te — prontificou-se Patatenra, que correu à procura de um pouco de manteiga para aplicar no joelho do companheiro.

— Alto! Não faças isso! — ouviu-se ordenar a voz sonora do Guia dos Águias. — Vê-se logo que és Patatenra: Então vais tratar de uma queimadura e nem sequer lavas as mãos! Fica sabendo que as mãos sujas podem originar infecções. Quanto à manteiga, será melhor untares o pãozinho com ela.

O Chico arregalou os olhos de espanto e perguntou:

— Afinal que devo fazer?

— Muito simples — respondeu o Guia. — Escorres água fria, se possível fervida, em cima do joelho do Alberto, para lhe passar as dores. Como vês, trata-se de uma queimadura de 1.° grau e, portanto, ligeira. Apenas a parte queimada se apresenta vermelha.

— Pronto, já está! Disse, satisfeito, o Patatenra. — E agora que faço?

— Agora — volveu o Guia dos Águias — como a queimadura não empolou, cobre a parte queimada de vaselina ou óleo mineral e, depois, coloca-lhe um penso seco esterilizado para evitar a infecção.

— Ó Guia, — perguntou o Chico — se o Alberto tivesse uma bolha, poderia rompê-la?

— Não senhor! Nunca se devem romper as empolas, especialmente quando a área queimada é extensa. Trata-se de uma queimadura de 2.° grau e deves apenas cobri-la com gase esterilizada, para evitar que em contacto com o ar infecte, e levas o doente ao médico.

— Já estou a compreender que as queimaduras não são coisas para brincar... Olha lá, ó guia, também sabes tratar de queimaduras provocadas pelo Sol e pelas chamas?

— Também! Mas explico-te isso lá na sede, porque o chefe apitou para uma reunião com os Guias.

Agora, toma atenção e não deixes queimar... as batatas,

ÁGUIA SABICHÃO

Marco dó Correio

Naturalmente os Escoteiros — tal como muito boa gente — têm às vezes dúvidas acerca de vários assuntos escoteiros, história, técnica ou ainda organização. Pois os meus caros amigos, sem terem de que se envergonhar, podem dirigir-se-nos a fazer as perguntas que entenderem, porque nós ficaremos à disposição para dar todos os esclarecimentos, na medida, é claro, da nossa sabedoria.

Esta coluna — Marco do Correio — fica portanto à disposição dos nossos consulentes. Os leitores dos 11 aos 14 anos, deverão dirigir as suas perguntas ao nosso Repórter-Juvenil «Lobo Negro». De mais de 14 aos 17, dirigem-se ao vosso companheiro «Pata de Lobo». E tudo terá resposta! Passamos à escuta.

A correspôndência deve ser dirigida à Redacção.

Venham as perguntas!

★ ● ★

DICIONÁRIO DE SINÓNIMOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Prossegue com regularidade a publicação da mais moderna e completa obra de sinonímia publicada em Portugal, de apresentação magnífica, bem impressa, com cerca de mil páginas. Muito útil a todos que lidam com as letras. Está à venda em seis fascículos de Esc. — 25$00 cada ou a obra completa por 165$00. Os pedidos podem ser feitos à Tertúlia Edípica, a editora, para a Rua de Arroios, 11 r/c Lisboa, 1. Agradecemos o fascículo que nos foi enviado.

— — ★ ● ★ — —

As abas do chapéu escoteiro

Assim como os grandes cavaleiros da antiguidade cuidavam do seu elmo, da sua lança, do seu capacete, enfim das suas peças de equipamento e vestuário, também nós, Escoteiros, teremos de ter cuidados especiais com todas as peças do nosso fardamento.

Por isso, hoje quero dar uma explicação acerca dos cuidados com o chapéu. Claro que todos sabeis que o chapéu de abas largas, é semelhante aos chapéus da Real Polícia Montada do Canadá. Se o chapéu é de abas largas, temos o dever de as ter impecàvelmente direitas. Alguém sabe o processo de as manter direitas?

Pois é muito simples: Basta, uma hora antes de utilizar o chapéu, mantê-lo sobre uma base plana, por exemplo uma mesa, e colocar em cima das abas, depois de as ter humedecido, vários objectos pesados como livros volumosos, um ferro de engomar (frio, claro está), uma jarra com flores, etc.

Quando se for buscar o chapéu para ser usado, terá as abas direitas e, assim, seremos um exemplo de escoteiro asseado e cuidadoso das peças de vestuário e da farda.

Até breve e boa caça.

Deste vosso sincero amigo

LOBO NEGRO

ESCOTEIRO: Não queres escrever para esta tua página? Manda-nos os teus trabalhos que serão publicados seja qual for a tua idade — 12, 13, 14 ou 15 anos.

OUVINDO OS DIRIGENTES

O Algarve aprecia o Escotismo e necessita do que o Escotismo lhe possa dar — afirma o E. C. José Manuel Pereira, do Grupo 60, de Vila Real de Santo António

«Sempre Pronto» prossegue na visita aos grupos de escoteiros com a intenção de entrevistar os seus chefes e escutar deles alguma coisa acerca de suas actividades e pareceres. Aproveitando a visita do Chefe Idílio Gonçalves a Vila Real de Santo António, pedimos-lhe para em nosso nome entrevistar o Escoteiro-Chefe José Manuel Pereira, do Grupo n.º 60, dirigente que, conforme referimos o mês passado, foi recentemente distinguido com a Medalha de Mérito, classe ouro. E tão bem se houve o nosso colaborador no desempenho da missão que lhe confiámos, que nos trouxe a entrevista perfeitamente gravada, proporcionando-nos ensejo de escutar de viva voz o interlocutor, nosso dedicado correspondente naquela ridente Vila.

E começou assim a entrevista:

—Pode o Chefe dizer-me há quantos anos fez o seu compromisso de honra?

—Há 25 anos justamente.

—Portanto é já um veterano no Movimento. E há quanto tempo dirige o «60»?

— Tive alguns interregnos desde que entrei na orientação do Grupo. Em 1938, o chefe Campinas, deixou pràticamente o grupo por motivo da sua vida profissional. Tendo procurado entre os rapazes aquele que melhores condições lhe pareceu ter para assumir a chefia, achou que seria eu o indicado e desde essa altura até 1943, em que fui para a vida militar, dirigi pràticamente o grupo como subchefe. Depois de regressar da vida militar, em 1946, voltei a ingressar no grupo como instrutor de canto coral, afastando-me cerca de ano e meio depois. Em 1948 regressei à chefia em que com maior ou menor actividade me tenho conservado até agora.



—Mas não foi o chefe quem substituiu o chefe Tacão, quando este se mudou para Lisboa?

— O Chefe Tacão substituiu-me quando fui para o exército. Em 1948, o Chefe Tacão quis mudar-se para Lisboa e a pedido dele e do Chefe Trigueiros voltei a assumir a direcção do grupo.

— Verificamos, com satisfação, que o Grupo 60 está aqui bem representado e tem boas patrulhas em actividade.

— Temos elementos não integrados nas patrulhas e que podem constituir um clã e alguns escoteiros mais que vão esclarecer a sua situação para sabermos se contamos com eles ou não. Há também mais aspirantes, que aqui não estão, e serão aproveitados para reforçar as patrulhas. Se não nos faltar tempo nem saúde, com os elementos de que dispomos poderemos dentro em breve apresentar um grupo de regular efectivo.

— Como vai actualmente o escotismo no Algarve?

— Posso dizer alguma coisa sobre o assunto pelo que conheço e ainda porque falei hoje justamente com o nosso Chefe Regional, Sr. João Trigueiros, que me disse estarem os grupos a atravessar uma certa crise. No 77, de Faro, o Chefe Mário Martins luta com dificuldades porque tem a sua vida profissional muito sobrecarregada e não pode dar a atenção devida aos rapazes. No 6, de grandes tradições no Algarve e em todo o país, é o próprio sr. Trigueiros quem está na chefia e as suas ocupações e a sua idade não lhe permitem desenvolver aquela actividade que todos nós desejaríamos. Diz o Sr. Trigueiros que o grupo 6 se vai mantendo na esperança de melhores dias.

—O Grupo 59, de Tavira, não está em actividade, pois não?

— O Chefe também tem dificuldades para fazer face aos seus encargos de família, o que lhe tira a possibilidade de se dedicar convenientemente ao grupo, de forma que este está pràticamente parado.

— Constou-me que vai haver um acampamento regional em Monte Gordo. Poderá dizer-me qual a sua finalidade?

— O acampamento tem uma finalidade a que não gostaria de referir-me. O Sr. Trigueiros, além de dirigente competentíssimo, é pessoa muito amável e correcta que vive e sente o Escotismo e a quem todos os escoteiros do Algarve devem atenções, pelo que todos procuram ajudá-lo na missão de chefe regional.

«Lembrou-se o Sr. Trigueiros de propor-me à Direcção da A. E. P. para a concessão da Medalha de Mérito.

«Aceite a proposta, e embora não lhe encontre justificação, não tenho outro remédio senão receber a Medalha, em especial por vir de quem tão gentilmente a propôs. Quis também o Sr. Trigueiros organizar um acampamento semi-Regional, com a finalidade de fazer-se a entrega da condecoração, para o que convidou o Sr. Presidente da Câmara, que aceitou o convite e, ao mesmo tempo, se informará da situação dos escoteiros de Vila Real de Santo António.

«Como Monte Gordo é zona de turismo onde acorre nesta época (Setembro) gente de todo o Algarve e de outros pontos do país, servirá também o acampamento para fazer propaganda do Escotismo».

Embora o Chefe Pereira não encontre justificação para a medalha, sei que ela é bem merecida pela sua dedicação e competência e, além disso, o Chefe Trigueiros é pessoa justa e não faria a proposta se não lhe parecesse merecida, afirmámos.

— Em seu parecer poderia ser tomada alguma iniciativa que pudesse contribuir para o revigoramento do Escotismo no Algarve?

— Penso que os nossos dirigentes associativos, em contacto com os Grupos algarvios e seus problemas, terão já opinião definida sobre o assunto e não deixarão de tomar, logo que possível, as medidas que se impõem para um progresso que todos desejamos. A minha formação escoteira não dá para largos «voos» na matéria, como o prova o pouco que no meu Grupo se tem feito. Todavia, não quero deixar de oferecer a «achega» que me é pedida e que traduzo como ponto de vista meramente pessoal.

«Deveria primeiro cuidar-se dos «vivos», isto é, dos Grupos em actividade, dando-se-lhes meios que pudessem libertá-los do quase marasmo em que vegetam e tranformá-los em unidades activas e úteis. Carecemos de maior assistência associativa, quer de ordem teórica, quer de ordem prática. (Lembro-me, a propósito de algumas mochilas e panos de tenda distribuídos há 7 ou 8 anos aos Grupos e que tão grande arranjo fizeram. Não poderia repetir-se tal distribuição, se possível aumentada?) Um Serviço de Material e Uniformes bem fornecido, funcionando em regime de cooperativa, o mais econòmicamente possível para os escoteiros e dando pronto avio aos pedidos, era bem útil. E mais, se regularmente (mês a mês ou de dois em dois meses), enviasse aos grupos uma lista dos artigos à venda e seus preços.

«A parte mais eficaz (a meu ver), da assistência associativa a que acima aludo, poderia no entanto traduzir-se do seguinte modo. Têm sido realizados em Lisboa, creio que com bom aproveitamento, cursos preliminares da Insígnia de Madeira, que decerto serão continuados e completados, tudo com vista ao revigoramento dos Grupos. Não gostariam os elementos melhor classificados desses cursos de passar as suas férias anuais no Algarve? Talvez pudessem fazê-lo se recebessem qualquer estímulo da Associação, obrigando-se a dirigir, cada um numa terra algarvia com Grupo de Escoteiros, uma Escola de Chefes. As bases desta seriam prèviamente estudadas e preparadas, sob orientação superior, com escolha conveniente, e com tempo, dos alunos. Do bom funcionamento «escolar» muito benefício resultaria decerto para o Escotismo nesta região. Com os grupos em boa actividade e sem problemas de maior, fácil seria organizar depois, nas principais localidades onde a A. E. P. não se encontra representada, programas de carácter regional que com adequada propaganda e estudo do meio conduzissem à formação de novos Grupos. Isto porque o Algarve aprecia o Escotismo e sobretudo porque necessita do que o Escotismo lhe pode dar».

«Muito obrigado Chefe pela atenção que dispensou ao «Sempre Pronto» e pelas suas declarações. Como sempre, e agora particularmente, tem as colunas do jornal à sua disposição.

— Aproveito com prazer a sua oferta para saudar através de «Sempre Pronto» todos os Escoteiros de Portugal. Foi-me muito grata a visita do Chefe Idílio Gonçalves, que conheço desde menino e moço, com quem tive ocasião de trabalhar durante anos e de quem tenho as melhores impressões sob todos os aspectos, e desejo que o seu grupo tenha também bons progressos e os rapazes possam colher resultados do seu exemplo, boa vontade e conhecimento, enfim, de tudo o que é *capaz e capataz*, como por aqui se costuma dizer.

«Há dias, este pequeno Grupo 60 teve o prazer da visita do Director do «Sempre Pronto», que exortou os rapazes a seguirem o verdadeiro caminho. Para que nessa visita houvesse mais familiaridade, o sr. Eduardo Ribeiro contou algumas anedotas de sabor escotista, que contribuíram para que os rapazes o ficassem a conhecer melhor como Escoteiro, além de dirigente do órgão escotista que serve de elo entre todos os escoteiros do nosso país e entre estes e os de todo o mundo, porque não temos outro e podemos afirmar que este cumpre com correcção e aprumo como é de exigir a um bom jornal, bem orientado.

——→

É a febre da juventude que mantém o resto do mundo à temperatura normal. Quando a juventude arrefece, o resto do mundo bate os dentes.

Bernanos.

O Escoteiro-Chefe Idílio Gonçalves foi homenageado pelos Escoteiros do seu Grupo

No dia 27 de Outubro p. p., os escoteiros do Grupo n.º 8 quiseram manifestar o apreço que têm pelo seu escoteiro-chefe, com uma cerimónia simples, mas muito significativa, a que assistiram não só todo o efectivo do grupo, como elementos doutros grupos e membros da Igreja Evangélica a que aquela unidade escotista está anexa. Estiveram igualmente presentes o sr. Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos, ex-presidente da Direcção do Grupo; os chefes dos Grupos 10 e 94, Srs. José Relvas Pereira e Armando Inácio, e o Corpo Directivo deste jornal.

A começar a cerimónia, que se realizou na sede, foi entoado o «Hino do Grupo», findo o qual o presbítero sr. Manuel Alves, que representava o Pastor da Igreja, impedido de comparecer, fez oração, a seguir à qual o Rev. Vasconcelos leu o Salmo 23.

O chefe João Constantino convidou depois o Director deste jornal para colocar os distintivos de 2.ª classe em dois escoteiros do grupo, e o sr. Rev. Vasconcelos para fazer entrega de medalhas concedidas oficialmente a outros dois escoteiros daquela unidade.

A seguir a este acto, todos os presentes se dirigiram para outra dependência da sede, onde se procedeu ao descerramente de uma fotografia do chefe Idílio Gonçalves, no meio de uma salva de palmas e de gritos escotistas.

Muito emocionado com a homenagem, o chefe do Grupo n.º 8, depois de afirmar que, embora tivesse desconfiado que algo de anormal se passava, nunca pensou que pudesse ser alvo de uma tão elevada honra, pelo que se sentia muito lisongeado. Disse que todos tinham colaborado para o progresso do Grupo e, portanto, não se sentia merecedor de tal distinção. Depois de relembrar alguns dos belos momentos vividos por aquele agrupamento, pediu a todos os escoteiros e aos amigos do Oito para continuarem a dispensar-lhe a sua preciosa colaboração, por que se sentia muito agradecido.

O Sr. Rev. Vasconcelos disse que o chefe Idílio sempre manifestara vontade de acertar em todas as suas atitudes como chefe de escoteiros e o êxito da sua missão residia exactamente no facto de ele ter posto o seu coração na tarefa de tornar os rapazes os homens de amanhã. Por isso considerava muito justa e oportuna a homenagem que acabava de ser tributada.

O Sr. Manuel Alves afirmou que o chefe Idílio Gonçalves era um elemento que Deus colocara naquela Igreja, no lugar próprio e na altura própria, sempre pronto para fazer o bem. Terminou, desejando que Deus o continuasse a abençoar, tanto na sua missão como chefe, como na sua vida particular.

Fizeram ainda uso da palavra, os Srs. Eduardo Ribeiro e Capitolino Ferreira Macedo, respectivamente director e administrador deste jornal, Armando Garcia Inácio, chefe do Grupo n.º 94, e E. C. José Eduardo Pena Ribeiro, todos tecendo os maiores elogios ao homenageado e congratulando-se com a iniciativa e o acto de justiça dos escoteiros do Grupo nº 8.

A finalizar a reunião, foram passados alguns filmes e servido um chá a todos os que tinham tomado parte na significativa cerimónia.

A entrevista do E. C. José Manuel Pereira

Daqui vai, pois, a saudação do Grupo 60 e da sua rapaziada para o «Sempre Pronto», ao seu Director e Corpo Directivo, com votos de longa vida e de que o jornal não desanime na cruzada em que está empenhado de propagar o nosso Movimento, fazendo todo o possível para que este venha a alcançar a posição que já teve.

— Muito obrigado Chefe Pereira pelas suas palavras.

E terminou assim a entrevista que viemos fazer ao Escoteiro-chefe do Grupo 60, cuja sede é na alegre Vila Real de Santo António, fronteira a terras de Espanha, no extremo sul de Portugal.

* * *

Durante a nossa visita, pudemos ainda dirigir algumas palavras aos guias de patrulha. O primeiro foi o Guia da Poupa. Perguntámos-lhe:

— *Como te chamas?*

— Augusto Silva do Nascimento.

— *Quantos elementos tem a tua Patrulha?*

— Temos agora 5 escoteiros e dois aspirantes.

— *Pensas ganhar o concurso que se vai iniciar no teu grupo?*

— Com a boa vontade dos rapazes tudo se consegue.

— *Muito bem, um Escoteiro deve ser optimista.*

Chegámo-nos ao Guia da Águia:

— *Como é o teu nome?*

— José da Silva Solá.

— *Quantos elementos tem a tua Patrulha?*

— Tem 5 escoteiros e 3 aspirantes.

— *O que pensas do próximo concurso?*

— Com a colaboração de todos os elementos da patrulha, conto alcançar uma boa posição.

— *Não sei se sabes que, no acampamento regional realizado no Algarve em 1948, a Patrulha Águia alcançou o primeiro lugar entre quinze patrulhas que tomaram parte nesse acampamento e é de notar que a patrulha nessa altura era constituída por elementos muito novos. Quantos anos tens tu?*

— Tenho 16. Os meus companheiros são todos rapazes cheios de vontade e dispostos a fazer alguma coisa pelo progresso do Grupo 60.

— *Pois o «Sempre Pronto» felicita-te por isso.*

I. G.

O 4.º aniversário do Grupo n.º 14

Para comemorar o seu 4.º aniversário, o grupo de Algés promoveu um culto de acção de graças na Igreja da Rua Eduardo Augusto Pedroso, no qual foi pregador o o sr. José Balão. Terminado o serviço religioso, seguiu-se uma sessão solene presidida pelo Rev. Dr. Henry Goodpasture, ladeado pelos srs. presbítero Mendonça, Presidente e Chefe Regional, representante do «Sempre Pronto» e Chefe da Companhia de Guias «Rainha D. Leonor».

Após a leitura da ordem de Serviço, fizeram a sua passagem a escoteiros e a respectiva promessa os antigos lobitos Carlos Alberto Janeiro, Ricardo Villar e Miguel Villar. Fizeram a promessa de lobitos, perante a chefe de alcateia Sr.ª D. Helena Balão, Anacleto Duarte, Arlindo Teixeira, José Sobral, Nelson Teixeira e Vítor Duarte.

Fizeram também compromisso de honra como Escoteiros, perante o chefe Eduardo Balão, os aspirantes António Costa e Eugénio Leitão.

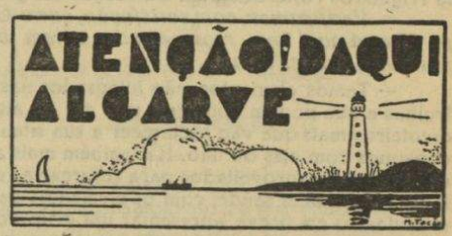
Passaram a Caminheiros e ratificaram o compromisso de honra os escoteiros Florindo Santos e José Manuel Sebrosa. Tendo sido nomeado Chefe de Tribo o sr. Carlos Alberto Fonseca Neves, prestou também compromisso de honra como dirigente.

Tendo em atenção o esforço e dedicação do escoteiro José Gamito, foi este condecorado com a Medalha de Assiduidade e Bons Serviços, classe cobre, que lhe foi entregue neste acto.

Terminada a cerimónia, os escoteiros e familiares juntaram-se num almoço de confraternização, que decorreu animado.

Estiveram presentes nas cerimónias comemorativas do aniversário, os grupos 2, 9 e 79, os chefes dos grupos 12 e 79, um escoteiro com a bandeira do Grupo 10, e uma delegação da Companhia de Guias «Rainha D. Leonor».

* * *



Grupo n.º 60 — V. R. St.º António

Este Grupo que desenvolveu no verão findo regular, actividade, acampou na Ponta da Areia, em 4/5 e 25/26 de Agosto, com o programa habitual de trabalhos.

No primeiro dos citados acampamentos, prestaram compromisso de honra os aspirantes Álvaro Rodrigues Lopes e José Pedro Pires da Silva, que ingressaram na Patrulha «Poupa», e Domingos Raimundo dos Santos, que ingressou na «Águia».

Conforme referimos no último número em transcrição do «Jornal do Algarve», de 15 a 17 de Setembro, o Grupo acampou na mata de Monte Gordo, registando-se a presença de patrulhas dos Grupos n.os 6, de Olhão e 77, de Faro. Na manhã de 16, após o hastear das bandeiras, prestou o Compromisso de Honra o aspirante António Filipe de Lima, que passou a fazer parte da «Águia». De tarde, compareceram no acampamento, em que os escoteiros haviam realizado bom trabalho de ornamentação e arrumação, o Sr. Matias Barroso Gomes Sanches, presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, o delegado Regional da A. E. P. no Algarve, Sr. João Lobo de Miranda Trigueiros; o Chefe do Grupo n.º 77, Sr. Mário Martins e alguns antigos escoteiros, tendo-se realizado a cerimónia a que aludimos.

UMA BOA ACÇÃO

UM COPO DE ÁGUA

Um dia Agripa, denunciado por um dos seus escravos como tendo pronunciado com desprezo o nome do imperador Tibério, foi condenado a ser exposto, carregado de grilhões, à porta do palácio.

O tempo estava quente. Horas passadas ao sol ardente vieram acrescentar à da vergonha a tortura da sede.

Passou um escravo com um cântaro de água ao ombro. Agripa chamou-o, e pediu-lhe de beber.

O escravo prontamente desceu o cântaro, chegou-o aos lábios de Agripa, e deixou-o beber à vontade.

Agripa não esqueceu aquele pequeno acto de bondade. E quando, por morte de Tibério, foi feito rei da Judeia, procurou o escravo compassivo, e fê-lo intendente do seu palácio.

NAPOLEÃO ROUSSEL

Uma cadeia de bênçãos

O vento sacode o carvalho, e faz cair uma bolota, que se solta do cálice.

Uma gota de chuva cai nesse cálice.

Um pintarroxo, que por ali saltita, bebe essa gota e, sentindo-se refrescado, voa para a trepadeira à volta da janela do poeta, e canta uma das suas mais doces árias.

O poeta, que o escuta, escreve um hino de alegria e gratidão; hino que corre mundo, levando por toda a parte alegria e inspiração.

Aos elogios que lhe são feitos, o poeta responde: «Foi o canto do pintarroxo que me inspirou».

E o pintarroxo diz: «Foi a gota de água que me refrescou.

E a gota diz: «Foi o cálice da bolota que me recolheu».

E o cálice diz: «Foi o vento que me fez cair».

E o vento diz: «Louvai Aquele que tudo dirige, e que tem o vento por um dos seus servos».

Estão maravilhosamente unidos os anéis que formam a cadeia das Suas bênçãos.

DE «NOUVELLES GLANURES»

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

FILATELIA

Ainda a II Exposição Nacional do Selo Escoteiro

Durante esta Exposição funcionou no Ateneu Comercial de Lisboa um posto de correio, que esteve exclusivamente a cargo dos membros da Secção Filatélica da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal. Apesar do elevado número de pedidos recebidos para o carimbo postal do dia da abertura, foram devidadamente executadas todas as encomendas.

A Exposição teve 14 concorrentes, entraram 556 folhas e foram montados 33 quadros.

A Secção Filatélica da Fraternal, depois de ouvir o parecer do Júri, deliberou enviar ao Sr. Enrique Genovés, dirigente escoteiro de Espanha, diploma de colaboração na II Exposição Nacional, em virtude deste nosso amigo ter enviado a sua colecção para a mesma, não tendo entrado no Concurso em virtude do carácter nacional da Exposição.

Postal Filatélico com Selo Escoteiro e carimbo de 1.º dia

Restam ainda alguns exemplares do postal filatélico emitido pelo «Sempre Pronto» por ocasião da saída do Selo Escoteiro comemorativo da 18.ª Conferência Internacional de Escotismo.

Este postal tem na primeira face o timbre da Conferência, o seu emblema e «Lisboa — 1961». Interiormente, a fotografia dos delegados à Conferência, a insígnia dos Escoteiros de Portugal e uma mão em saudação escoteira.

O seu preço é de Esc. — 4$00 e o produto reverte a favor da edição de um cancioneiro escotista organizado pelo nosso amigo Maestro António Gonçalves.

NOVAS EMISSÕES

Marrocos

Em comemoração do Jamboree Pan-Árabe, que se realizou neste país no verão passado, os correios emitiram um selo postal de 0,20 franco.

Afeganistão

Os correios deste país emitiram uma série de quatro selos postais de homenagem às mulheres. O último, da taxa de 100, é dedicado às guias e apresenta a figura de uma guia.

Mais uma novidade!

CERA DE LÃ

Predizem os cientistas da Universidade de Leeds que a gordura da lã, ou melhor, a sua substância oleosa, pode tornar-se em importante matéria prima para o fabrico da cera.

Na sequência de uma série de investigações, aqueles cientistas descobriram a maneira de extrair a cera da gordura da lã. Com efeito, a gordura destaca-se da lã pròpriamente dita logo nas primeiras fases do tratamento desta. Os mesmos cientistas chegaram também à conclusão de que o novo produto pode substituir, com vantagem, a cera tradicional, oriunda das abelhas — e com a diferença de custar metade do preço.

Existem ainda muitos outros produtos derivados da gordura da lã, entre os quais avulta a lanolina que tem largo uso na indústria dos cosméticos.

A Sabedoria de Diógenes

Criton encontrou Diógenes e perguntou-lhe:

— Grande sábio: Qual é o animal mais perigoso?

— Dos animais selvagens, é o caluniador; dos domésticos, o lisonjeiro.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Casamento — Em 14 de Outubro passado, na Igreja Presbiteriana da Rua Febo Moniz, realizou-se o enlace matrimonial da nossa estimada assinante Sr.ª D. Maria Hermínia Oliveira Pinto, ex-chefe da Companhia de Guias Filipa de Vilhena, com o nosso amigo sr. José Carlos Gonçalves. Foi oficiante o Rev. Octávio Guedes Coelho.

«Sempre Pronto» formula votos de muitas felicidades aos noivos.



O NOIVO—Mas porque razão lhes disse eu que gostava de fumar o meu charuto no fim do ano?!...

SECÇÃO POLICIAL

É com imensa alegria que volto a escrever para esta secção, visto pensar que não era do interesse da maior parte dos leitores.

Caso curioso, vários leitores escoteiros e não escoteiros estão já admirados da ausência desta rubrica.

Ora torna esta secção, não para os maçar sempre com a problemática policial, mas, suavizada com algumas modificações e variedades que por certo lhes vão agradar. (Assim o espero).

Como esta página está a sofrer modificações na sua estrutura, apresentando novas secções, como já tiveram ocasião de reparar, nós vamos também acompanhá-la.

Para começar com o pé direito (embora não esquecendo que o bom polícia assim como o escoteiro, nunca põe o pé onde quer que seja e, de qualquer maneira, expondo-se assim ao perigo desnecessário de pelo menos escorregar na casca de uma banana), vamos hoje relatar duas curiosidades verídicas e até policiais.

Braceletes fizeram desmaiar a tripulação dum avião

Londres, 9-7-61—As braceletes indianas que eram transportadas num avião de Bombaim para a África Ocidental, depois de examinadas pelo Laboratório Nacional de Química da Grã-Bretanha, comprovaram que o acabamento brilhante dos adornos fora conseguido com um composto de cloro, o qual com o calor libertou gases tóxicos que atingiram a tripulação do avião.

Esta curiosa notícia, prova que para se estar «Sempre Pronto» é preciso nunca se parar de adquirir conhecimentos cada vez mais vastos, não achas?

Para terminar, outra notícia curiosa:

Um ladrão com pouca sorte

Chima (Japão), 3-4-61—Um gatuno furtou a carteira a uma rapariga e, logo começou o seu azar: A vítima lançou-se numa perseguição implacável que levou o ladrão a atirar-se ao mar, numa derradeira tentativa de escapar com a carteira.

Tudo em vão, pois a vítima era justamente uma pescadora de pérolas empregada numa cultura de ostras desta região—mergulhou atrás do ladrão e, arrastando-o pela gola, levou-o ao polícia que olhava estupefacto.

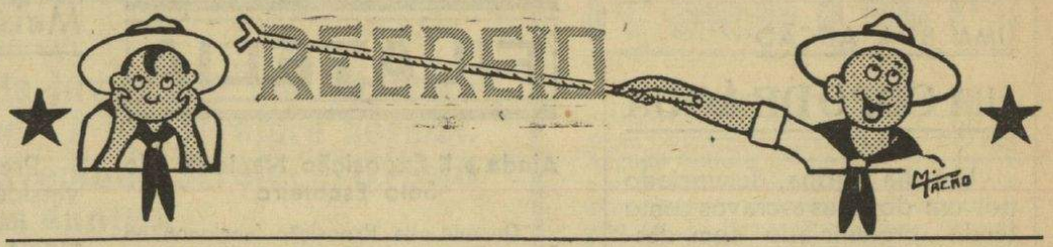
Só perguntamos no fim: Seria ela escoteira?

Até sempre

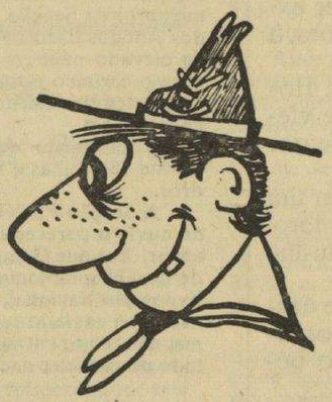
INSPECTOR Z

A ingratidão é o caruncho da generosidade ou o micróbio do benefício.

D. Alberto Bramão



AS DESVENTURAS DO ZÉ ESCOTEIRO



Ao preparar os escoteiros para a data que se aproxima, o Dia do Mãe, o chefe do nosso amigo Zé pediu a todos os escoteiros que fizessem uma redacção com o tema «A Minha Mãe».

Todos entregaram os seus trabalhos uma hora depois, mais ou menos, com excepção da *famosa* «Maior» (qual havia de ser?!), a patrulha do nosso amigo Zé, que passado um quarto de hora já estava despachadíssima.

O chefe viu as redacções e perguntou ao escoteiro n.º 2 da tal patrulha:

—Com que então uma redacção igual à do seu irmão?

—É fácil—respondeu o Lólocos— a mãe é a mesma.

O chefe continuou sem qualquer observação até chegar ao n.º 4 da tal...

— Ora, então, também tu! A tua redacção está boa, mas é igual à do Totó da tua patrulha. Que quer isto dizer?

Ele sorriu-se e:

— Quer dizer que a do Totó também está boa, chefe.

O chefe enguliu em seco e continuou até à do mais que «Maior».

— Zé:—disse o chefe—a tua redacção também está óptima, mas tenho aqui uma pergunta a fazer. Peixe é com «x» ou com «ch»?

—Ó chefe! Lá em casa é com molho de camarão!

Que martírio será o deste chefe com tal *famosa* Patrulha?—perguntamos nós.

HÉLDER MARTINS

Atenção! Temos um brinde para o leitor que nos enviar o nome mais simpático e apropriado para estas «desventuras» da tal famosa patrulha.

Soluções de Outubro

Palavra Quadrada	ACRÓSTICO
NUNO	PRATO
UMAS	FALAR
NAUS	AMADA
OSSA	RALAR
	BRAÇO

PROBLEMA LITERÁRIO

OLAVO BILAC — O caçador de Esmeraldas

SABES ISTO?

O Nó Direito serve para unir duas espias da mesma espessura.

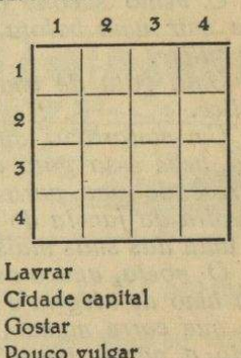
O Nó de Âncora serve para unir uma espia a uma argola.

O Nó Cabeça de Cotovia serve para unir duas espias de espessura diferente.

Lais de Guia Duplo (ou cadeira de salvação) serve para içar ou fazer descer uma pessoa.

Botão de Falcaçar serve para encurtar uma espia a fim de reforçar um local onde esteja moída.

PALAVRA QUADRADA



1 Lavrar
2 Cidade capital
3 Gostar
4 Pouco vulgar

SABES ISTO?

A Associação dos Escoteiros de Portugal foi fundada em 1 de Dezembro de 1912?

O Grupo n.º 1 dos Escoteiros de Portugal foi fundado em 6 de Setembro de 1913?

O Grupo n.º 2 dos Escoteiros de Portugal foi fundado em 9 de Abril de 1912?

Responde a estas perguntas e corrigi-as se não estiverem certas.

A experiência demonstra que querer convencer um teimoso é o mesmo que pretender arrancar um prego batendo-lhe marteladas.

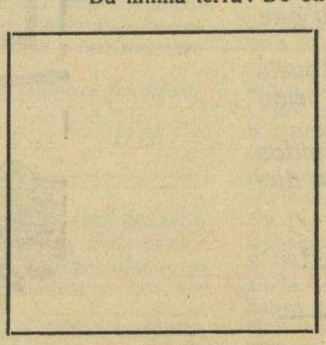
D. Alberto Bramão

VAMOS RIR

— AH! EH! IH! IH! IH! (não me façam rir mais!)

— E aquele escoteiro que no Jamboré do Ar perguntou a outro escoteiro, algures no outro lado do globo, de onde ele falava, e ouviu:

— Da minha terra! De onde querias que fosse?



Por estar muito nítida publicamos esta fotografia de 3 escoteiros tirada do último satélite.

E aquele escoteiro que estava à porta da sala da última reunião de chefes com a *insígnia de madeira* a apregoar;

—É P'RO CARUNCHO!

—É P'RO CARUNCHO!

■

UM PRÉMIO

Se recortar esta fotografia terá um Prémio!

Leia o próximo número.